

atrás.

E é interessante como o MST foi o primeiro grande movimento capaz de não botar fim, estamos muito longe de botar fim, mas de começar a criar condições de terminar com a impunidade da violência no campo. Estou sendo serena porque estou fazendo uma frase com muitas mediações. Não pôs fim, não tem poder de eliminar, de punir, mas começa a fortalecer o camponês brasileiro, o sem-terra brasileiro, o pequeno sitiante que tem sua terra invadida, o abusado, o ameaçado. Começa a mobilizar, começa a ver no horizonte a possibilidade do tipo de justiça que mal e mal nós começamos a fazer nas cidades, e que ela possa acontecer no campo. E é engraçado como nossa prática, que não foi só escravocrata, foi de um ruralismo, assim, da lei do mais forte mesmo, faz com que essa militância pareça, ela, sim, fora da lei, e como na cidade as pessoas aceitam isso como um fato. São aqueles fora da lei que invadem fazendas, não respeitam propriedade alheia etc. Mas, enfim, isso é só uma observação de passagem. Acho que é isso. Eu aprendi muito com a Fabiana e gostaria que agora nós pudéssemos conversar, e principalmente trazer mais perguntas, para que ela possa contar mais de uma experiência que está tão avançada em relação à nossa. Muito obrigada.

SEMINÁRIO “VERDADE E INFÂNCIA ROUBADA”⁵

DE 6 A 10 E 23, 24 E 28 DE MAIO DE 2013

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
Auditório Teotônio Vilela da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
– Av. Pedro Álvares Cabral, 201 (1.º andar), Ibirapuera – São Paulo.

PROGRAMA DETALHADO DOS DEPOIMENTOS

6/5 – AUDITÓRIO TEOTÔNIO VILELA – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h – Rosana Momente; Paulo Fonteles; Célia Coqueiro.

14h – Cecília Capistrano; Irineu Seixas; Clovis Petit.

⁵Todas as audiências deste Seminário eram abertas com a leitura de um mesmo texto, o qual reproduzimos a seguir, da forma como foi efetuada na sessão do dia 9 de maio de 2013:

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Está instalada a 39.ª Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”, dia 9 de maio de 2013, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Auditório Teotônio Vilela, para a oitiva de depoimentos sobre o caso das crianças que foram atingidas pela ditadura no Brasil. O Ivan Seixas fará a leitura do texto de abertura “Verdade e Infância Roubada”.

O SR. IVAN SEIXAS - “Crianças foram sequestradas e escondidas nos centros clandestinos da repressão política. Foram arrancadas do convívio de seus pais e suas famílias. Foram enquadradas como elementos subversivos pelos órgãos de repressão e banidas do país. Foram obrigadas a ficar em orfanatos, morar com parentes distantes, a viver com identidade falsa, na clandestinidade, impedidas de conviver, crescer e conhecer os nomes de seus próprios pais. Levadas aos cárceres da ditadura militar, foram confrontadas com os seus pais nus, machucados, recém-saídos do pau de arara ou da cadeira do dragão. Foram encapuzadas, intimidadas, torturadas. Algumas foram torturadas antes de nascer. Nasceram nas prisões e cativeiros, sofreram torturas físicas e psicológicas. Houve crianças que assistiram assassinato de seus pais, outras não conheceram os seus pais assassinados cujos corpos não foram entregues aos seus familiares para que fosse feito o sepultamento. Crianças que não tiveram contato direto com os agentes da repressão, mas os seus familiares foram atingidos, o que causou a elas sentimento de dor, de perda, de medo e humilhação. A ditadura não poupou as crianças, sacrificou-as como forma de ampliar e perpetuar os efeitos das torturas a elas próprias e a seus pais. Algumas crianças foram interrogadas no intuito de se obter delas informações que viessem a comprometer seus pais. O ex-deputado federal Diógenes Arruda Câmara denunciou em seu depoimento em 1970 o que ocorreu à filha do seu companheiro de cárcere, o advogado Antunes Expedito Carvalho. Ameaçaram torturar a única filha, de nome Cristina, com dez anos de idade, na presença do pai, ainda assim não intimidaram o advogado, mas de qualquer maneira foram ouvir a menor e evidentemente essa nada tinha para dizer, embora as ameaças feitas, inúteis, por se tratar de uma inocente, que jamais, é óbvio, poderia saber de alguma coisa. Em Recife, a vendedora Helena Mota Quintela, de vinte e oito anos, conforme denunciou em 1972, foi ameaçada de ter o seu filho arrancado a ponta de faca. Esses depoimentos foram extraídos do livro *Brasil Nunca Mais* (19.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 49).”

7/5 – AUDITÓRIO TEOTÔNIO VILELA – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h – Pedro Pomar; Carlos Alberto José de Carvalho; Ernesto Devanir José de Carvalho.

14h – Carmen Nakasu; Tessa de Moura Lacerda; João Paulo Ramos; João Paulo Wright.

8/5 – AUDITÓRIO TEOTÔNIO VILELA – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h – Nádia Nascimento (sofreu aborto sob tortura); Ernesto Carlos Nascimento; Zuleide Aparecida do Nascimento; Luis Carlos Max do Nascimento; Samuel Dias de Oliveira.

14h – Edson Luis de Almeida Teles; Janaína de Almeida Teles; João Carlos Schmidt de Almeida Grabois; Igor Grabois.

9/5 – AUDITÓRIO TEOTÔNIO VILELA – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h – Vladimir Gomes da Silva; Virgílio Gomes da Silva; Isabel Maria Gomes da Silva; Gregório Gomes da Silva.

14h – Camila Sipahi; Paulo Sipahi; Eliana Paiva; Darcy Andozia (mãe de Carlinhos); Lenira Machado (mãe de Aritanã).

10/5 – AUDITÓRIO TEOTÔNIO VILELA – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h – Priscila Arantes; André Arantes; Iara Lobo.

14h – Marta Nehring; Telma Lucena; Adilson Lucena; Denise Lucena; Ñasaindy Barrett de Araújo.

23/5 – AUDITÓRIO TEOTÔNIO VILELA – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h30 – Ieda Seixas, Iara Seixas, Ivan Seixas, Célia Coqueiro.

24/5 – AUDITÓRIO PAULO KOBAYASHI – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h30 – Rosa Martinelli, Edson Martinelli e Jaime Martinelli.

28/5 – AUDITÓRIO PAULO KOBAYASHI – ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

10h30 – Sueli Coqueiro

REALIZAÇÃO: Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” e Instituto do Legislativo Paulista (ILP).

SESSÃO DE 9 DE MAIO DE 2013

(39.^a Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”)

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA (Com revisão da depoente) – O meu nome é Maria Eliana Facciolla Paiva, sou filha do ex-deputado Rubens Beyrodt Paiva, que foi cassado em 1964, se refugiou na embaixada da Iugoslávia, ele e grande parte da época do pequeno Partido Socialista que estava engajado junto ao Partido Trabalhista Brasileiro — o PS era uma legenda na qual não se podia votar — e integrantes do Partido Comunista Brasileiro, legenda também proscrita. Essa embaixada da Iugoslávia forneceu o exílio a esses senhores militantes, que hoje em dia teriam entre 80 a 90 anos de idade, dos quais poucos restam. Dos últimos que eu sei que está vivo, e até hoje tem atuação política muito forte, é o Valdir Pires, que conseguiu se reeleger como vereador de Salvador (Valdir já foi governador do Estado da Bahia, inclusive um grande amigo de meu pai), e [também] o Almino Afonso, que depois se reelegeu. Essas são das poucas pessoas que eu me lembro dessa geração.

A minha história, a que posso me referir como “adolescência roubada”, diferente de “A infância roubada” (tema do Seminário), pois na minha prisão eu já era mais velha, tinha quinze anos e meio quando fui presa, eu acho que é um pouco diferente do que eu ouvi aqui hoje. Apesar de ter coisas bastante semelhantes, entre elas uma capacidade incrível da nossa memória, que é: “eu

vou esquecer o que aconteceu, e um dia eu não lembrarei mais”, e isso está claro. Tanto que agora em depoimento eu, apesar do nome do meu pai, apesar de toda a midiática que existe em torno dele, só fui dar o meu depoimento há dois anos. Eu nunca falei, os meus irmãos não sabiam. Minha mãe sabia um pouco, porque fomos presas juntas, meus irmãos nunca souberam de nada. Minha família muito menos, os meus amigos, um ou outro, que são pessoas com quem você convive. Alípio Freire (lá atrás) com certeza não sabia, e foi com quem eu convivi bastante uma época.

O que foi a minha adolescência roubada? Eu sabia o que se passava neste país, exatamente por causa dessa introdução toda. O meu pai foi deputado federal, foi um deputado engajado, ele já era engajado politicamente desde a juventude. Ele foi vice-líder da UEE, ou melhor, vice-presidente da UEE paulista, fez parte da campanha do “petróleo é nosso”, ele e toda a maioria dos políticos da geração dele, grande parte já falecida. Meu pai foi eleito aos 34 anos de idade deputado federal pelo estado de São Paulo — na primeira ou segunda geração a entrar no prédio do atual Congresso Nacional, em Brasília. Digo isso porque antes ele ajudou a construir Brasília. Papai era engenheiro civil, ele ajudou a construir pontes em Brasília.

Nós morávamos em São Paulo, quando da cassação do meu pai em 1964, casa para a qual ele volta do exílio — ele ficou nove meses no exílio e voltou, porque quis voltar. Ele tinha um passaporte diplomático vermelho, pegou o passaporte, colocou no bolso e foi para casa. [Mais recentemente soube que não foi bem assim. Meu pai tem um primo de primeiro grau, Nestor Beyrodt, que trabalhava na Alfândega no Rio de Janeiro. Papai ao embarcar de volta para o Brasil, vindo da Europa, avisou meu tio Nestor, que o esperou no Aeroporto Santos Dumont no Rio e o fez entrar de volta no país, sem grandes problemas. Foi Nestor Beyrodt quem me relatou essa história, depois de eu ter dado este depoimento na Alesp.] Pegou um avião com escala no Rio de Janeiro, pegou uma ponte aérea, veio para São Paulo e entrou em casa e falou: “Oi, eu cheguei!” Foi um dos maiores sustos da minha mãe quando de repente surge aquele pai de família de cinco filhos na porta da cozinha e dizendo: “estou de volta”.

Nós moramos em São Paulo, nessa casa em Higienópolis, na rua Pará. Com a cassação política, meu pai entrou na lista negra. Ele era engenheiro civil, porém não conseguia emprego como empreendedor ou empreiteiro, porque não podia assinar mais nada como engenheiro e, como deputado cassado, não poderia se reeleger. Então sua ideia foi entrar como empresário; assim conseguiu ser sócio de uma firma de engenharia, no Rio de Janeiro, a Machado da Costa... que nem existe mais; no entanto, ele não podia assinar nada. Era engenheiro, pegou o

dinheiro que ele tinha, investiu nessa empresa e era sócio dessa empresa no Rio. Então, nós nos mudamos para o Rio de Janeiro.

Estilo do meu pai: a vida continua. O que ele fez? Alugou um sobradinho em frente à praia do Leblon e de repente a vida continuava mesmo, e da melhor maneira possível. Isto é, em frente à praia do Leblon, nós moramos em uma casinha, todo mundo. Só que nesta pequena casinha circulavam todos os ex-militantes. Desculpa, não existem ex-militantes. Todos os militantes, ex-deputados, o pessoal ligado ao regime João Goulart principalmente, que foi o governo apoiado pelo grupo dele (do meu pai).

Os militares sempre estiveram de olho nessa casa, porque meu pai era um sujeito muito alegre, muito afetivo, socialmente muito engajado. Posso explicar assim, enquanto adolescente: ele achava tudo muito engraçado, a vida era uma festa naquela casa. Tanto que a famosa expressão de “esquerda festiva” (acho) vem um pouco daí. Se alguém não sabia o que era esquerda festiva, agora está sabendo. Quer dizer, era uma esquerda que tinha sido cassada em 1964 e que achava que os militares não iriam longe. Até que veio o AI-5 e começaram as prisões, torturas e mortes. Quando começaram a ter prisões, torturas e mortes, meu pai achou que a coisa era séria e começou a ajudar militantes — que a gente considera militantes 1968, que era uma geração acima da minha e uma ou duas gerações abaixo da dele.

(Alípio, se não estou enganada, é isso? A sua geração?)

Entre eles, amigos e filhos de amigos dele que se engajaram no raptó de embaixadores, principalmente do embaixador americano, essas pessoas não entenderam muito bem o perigo da situação e envolveram o meu pai. Meu pai dava dinheiro, apoio financeiro, apoio até político, conversas, e, dessa maneira, acabaram envolvendo papai dentro do próprio circuito de luta armada, no qual ele não estava engajado. Não sei se ele concordava, porque eu era muito criança para saber se ele concordava ou não, não cheguei a conversar isso com ele, mas ele se preocupava sim com a segurança física desse grupo, porque foi — aqui o depoimento dessas crianças que eram filhos dessa geração — um grupo que foi trucidado, alguns bastante maltratados, a maioria bastante torturada e era uma maioria de jovens, acredito que entre... quantos anos tinham seus pais? [perguntando para Cecília, que havia dado depoimento anterior] 32, 33, mas para baixo, entre 18 e 15. Ivan Seixas não está mais aqui, Ivan tinha 16 anos. O meu pai nessa época já tinha 41 anos recém-feitos quando foi preso. Ele é de 1929, faz aniversário dia 26 de dezembro, e foi preso no dia 20 de janeiro. Foi um mês depois de fazer 41 anos. Essa é a história do meu pai.

Agora, a minha história em relação a ele. Primeiro, sobre o que está sendo colocado volto a dizer, eu esqueci o que aconteceu. Por que eu esqueci o que aconteceu? Porque eu tinha 15 anos de idade. Com 15 anos de idade, eu tinha a vida inteira pela frente. Eu tinha que conviver com os meus colegas, tinha que conviver em uma sala de aula, tinha que olhar para os professores, tinha que ir à praia. Na turma da praia eu tinha que dançar um *rock*, eu tinha que ouvir uma música, e não interessava para os meus amigos, para o grupo com quem eu andava, que eu contasse a história do meu pai ou que eu tinha sido presa no DOI-CODI do Rio de Janeiro, na rua Barão de Mesquita. Não interessava de jeito nenhum. Muito menos interessava para os meus avós, os pais do meu pai, que acreditaram durante muito tempo que meu pai poderia estar vivo, porque o meu pai é desaparecido político. Meu avô morreu com essa certeza, morreu três ou quatro anos depois com a certeza de que meu pai poderia voltar um dia para ele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Onde morava o seu avô?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – O meu avô morava em Santos. Logo que a casa no Rio de Janeiro foi fechada, ele pediu para que nós fôssemos esperar a volta do meu pai em Santos, e a casa ficou fechada durante seis meses. A casa só foi entregue para o proprietário seis meses depois, e nós moramos com meu avô durante três anos, até que minha mãe, inclusive acatando uma ideia do meu avô, começou a fazer um curso de Direito em Santos. Isso foi um ano depois da morte do meu pai ou do desaparecimento dele, e ela, ao se formar, se tornou uma brilhante advogada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando o seu pai é preso com a sua mãe no Rio, logo em seguida vocês desfazem a casa e vêm para São Paulo, ou ficaram mais um tempo no Rio?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – Não. O meu pai foi preso no dia 20 de janeiro, mais ou menos meio-dia, uma hora da tarde. Eu me despedi dele eram 11 da manhã e fui para a praia. Quando voltei, ele já não estava mais, deviam ser umas 14 horas. Eu e minha mãe fomos presas no dia seguinte às 11 horas da manhã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso, conta isto. Você pode ir mais devagar... já na primeira pessoa.

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – Primeiro eu me despedi dele. Papai estava sentando com Raul Ryff, que era muito amigo dele e morava perto de casa, jornalista que foi assessor de imprensa do João Goulart, muito amigo de casa. Minha casa tinha uma área fora, estavam os dois sentados

conversando. Eu fui à praia, dei um beijo nos dois, e fui encontrar minha turma. Voltei às duas horas. Quando cheguei, a casa estava fechada. Entrei em casa, vi uns homens meio na penumbra. Minha mãe me pega na entrada da casa para cozinha e fala assim, com uma cara muito assustada: “Você vai tentar sair. O seu pai foi preso, você vai tentar sair e avisar o seu tio (que é o marido da irmã caçula do meu pai, que também é a única que está viva) em São Paulo que o seu pai foi preso. O seu tio é advogado, disse minha mãe”. Eu falei: “O quê?” Subi. Nessa época eu jogava vôlei pelo Botafogo, eu era atleta juvenil de voleibol. Me vesti de atleta do Botafogo, fui descendo a escada, saindo, alguém olhou para mim e eu falei: “Estou indo jogar, não poderei ficar, e fui saindo”. Fui embora, consegui!... o grande alívio que eu tive, apesar de que disso me vêm lembranças que não tinha antes, na hora que eu abro a porta da minha casa, que eu sinto o ar de fora... Alípio deve ter sentido isso quando saiu da cadeia... eu senti o ar, era de uma... acho que isso eu me lembrei de agora, neste momento... o ar existe, eu comecei a respirar de novo, eu me lembro de que estava agitada, esse ar entrou com uma vida muito grande dentro do meu pulmão e fui andando.

Dois quarteirões para trás no Leblon existia o que a gente chamava de “condomínio de jornalistas”, onde viviam muitos jornalistas, inclusive o Raul Ryff e grande parte dos meus amigos moravam lá. Eu tinha um amigo chamado Ronaldo, que era um dos meus melhores amigos. Fui para casa dele e falei: “Eu não poderei te contar exatamente o que está acontecendo, mas eu preciso usar o seu telefone”. Ele me viu e imediatamente franqueou o telefone dele. Liguei para São Paulo, avisei o meu tio e dei um tempo, fiquei circulando. Ele quis ir comigo. Tentei despistá-lo o tempo todo e falei: “Você não venha mais em casa, porque está meio esquisito”.

Enfim, tudo isso foi intuitivamente, porque eu a vida inteira via trânsito político em casa, então eu sabia que estava acontecendo alguma coisa, sabia a leitura disso, mas não sabia decifrar, ou já tinha decifrado, não entendi até agora, não parei para pensar nisso. Como eu digo, existe a fase do esquecimento, que a gente leva anos para que ela retorne. Dei um tempo e voltei para casa, cheguei em casa e um deles (dos militares), o mais forte, estava com um cabo de fio elétrico na mão, querendo me bater, dizendo: “Onde você foi?”

Eu, vestida de jogadora de vôlei, falei: “Eu saí”.

Ele disse: “Você não saiu!”

Eu disse: “Fui jogar vôlei”.

Ele falou: “Não, você não foi jogar vôlei, você foi avisar o teu tio, a tua família, que seu pai foi preso!”

O que aconteceu? O meu tio advogado ligou para minha casa, para perguntar o que estava acontecendo, e o telefone estava censurado, certo? Como ele questionou, deve ter questionado muito a minha mãe e acredito que naquela época, eu não sei, depois nos depoimentos em geral, um dia a Comissão de Verdade tentará saber se realmente existia escuta telefônica naquela época, não sei que tipo de escuta telefônica era, mas na minha casa foi escuta de extensão para extensão telefônica. Não sei se tinha escuta telefônica. Acho que era muito mais difícil a tecnologia. Até hoje eu fico curiosa em relação a isso. Ou seja, o meu tio ligou e, como bom advogado, começou a questionar a minha mãe sobre o que estava acontecendo, dizendo: “A Eliana ligou para mim”.

Então, eu cheguei em casa, e o cara (militar) estava doido. Eu me lembro de que... sou muito parecida com meu pai, eu dei muito de Rubens Paiva, eu falei: “Senta aqui comigo, vamos conversar, qual o problema do senhor?” Ele foi olhando para mim, acho que ele não entendeu nada, aquela menina, completamente loira, cabelo de Rio de Janeiro, quase dourado, vestida de jogadora de vôlei, perguntando para ele o que estava acontecendo. (Desculpa por eu rir, acho que vocês estão chorando, acho que estou podendo pela primeira vez, inclusive, me divertir com algumas situações que não eram divertidas antes... Pode ser nervoso também, vai saber...)

Ele foi acalmando, gozado que eu não falei para ele: “O que é esse cabo?” Eu fiquei olhando para o cabo e olhando para ele. Ele conseguiu, não sei onde, dentro de casa, um cabo elétrico. Ele foi escondendo o cabo. Foi muito engraçada a reação dele. A gente sentando na sala... uma sala que está inclusive aqui retratada na sala... está a família Rubens Paiva inteira, era a mesma sala no Rio de Janeiro, quer dizer, o sofá era esse sofá onde nós estávamos sentados, eu sou a que está atrás do papai, era o mesmo sofá [mostrando a foto exposta no Auditório Teotônio Vilela]. Ele [o militar] sentado do meu lado e eu falei assim... da maneira como aprendi em casa, parecida de como meu pai reagia. Por falar nisso, eu inclusive acho que foi por isso que ele foi morto (é engraçado, mas é sério). Depoimentos de testemunhas presas com ele relatam que papai dizia assim: “Fui deputado, eu fui deputado eleito legitimamente, vocês não têm nada comigo, ou vocês me respeitam ou não sei, vão para aquele lugar”. E foi isso que ele fez dentro da cadeia e foi por isso que ele morreu, inclusive.

Hoje em dia não tenho dúvida, papai entrou na prisão e começou a ser agressivo, pedir legitimidade, e acredito que foi a partir do momento que eles começaram a maltratar algumas testemunhas na frente dele e que foram presas juntas com ele, inclusive uma professora de geografia, dona Cecília Viveiros

de Castro, que era nossa professora no Sion... Essa senhora começou a ser maltratada na frente do pai, e ele enlouqueceu. Falou assim: “Vocês não têm direito, vocês não sabem o que estão fazendo, por favor, parem com isso”. E eles (os torturadores) não pararam e meu pai partiu para a ignorância. Começou a xingar, tanto que você percebe nos únicos depoimentos que tem depois do relato da sua possível tortura e também do resgate do que aconteceu, ele fala só o próprio nome: “O meu nome é Rubens Paiva”.

No relato do coronel Lobo, médico do Exército que vai atendê-lo já em agonia, primeiro ele tenta se identificar, porque parece que ele percebeu certa hora que ele perdeu a identidade ali dentro. Quer dizer, é o caso da tortura, o sujeito torturado que perde a identidade dentro da prisão, esse é o grande problema da tortura psicológica, que eu saiba.

Em segundo lugar, a tortura que fizeram em cima dele, chamando ele de “o sr. deputadinho, o senhor ainda está querendo alguma coisa?”... parece que a tortura foi em cima disso, ou seja, ele reagiu, como eu reagi com esse sujeito que estava dentro de casa, com um fio elétrico na mão e perguntando aonde eu tinha ido... Ele tentou... bom, a coisa acalmou, por causa dessa conversa, eu não me lembro mais do que aconteceu depois disso, depois dessa conversa com esse homem, não me lembro mais, isso devia ser o quê? umas cinco horas da tarde.

De noite a gente deve ter ido dormir, não me lembro a que horas, não me lembro se a gente viu televisão, não me lembro o que a gente comeu, não me lembro mais nada, isso foi realmente apagado. Eu não consigo lembrar. Eu sei que dormi, porque lembro da minha mãe me acordando e falando: “Acorda, se veste que a gente vai ter que dar depoimento” (isso no dia seguinte). Lembro-me de escolher uma roupa que me encobria o corpo, porque eu fiquei com medo, comecei a ficar com medo. Eu lembro que era uma túnica preta que vinha até o meio do joelho e uma calça. Lembro-me de ter escolhido, inclusive me lembro de que muitos meses depois disso eu joguei essa roupa no mar, joguei em algum lugar muito grande, porque ficou com cheiro da prisão, por mais que eu lavasse.

Fomos colocadas no banco de trás do fusca, com duas pessoas na frente. No “manequinho” (a “Estátua do Bellini”, que tem em frente do Maracanã, eu me lembro, porque toda vez que vejo a reforma do Maracanã, eu vejo ele lá), pararam o fusca e nós (minha mãe e eu, que estávamos no banco de trás) fomos encapuzadas. Era um capuz que vinha daqui até aqui embaixo (da ponta da cabeça até o umbigo), fedorento... Quer dizer, aquele capuz já devia ter sido usado para tudo, e daí fomos para o DOI-CODI.

A partir da entrada, encapuzadas no prédio do Exército, eu e minha mãe fomos separadas. Eu fui inteiramente revistada. Minha mãe deve ter sido também.

Fui colocada em uma espécie de corredor polonês, sentada em uma cadeira de madeira. Por que corredor polonês? Cada um que passava me dava um coque na cabeça, não é “choque”, na Globo sai grafado “choque”, é COQUE na cabeça. Ou me chamavam de comunista, entravam no meu ouvido e me chamavam de comunista. (Está rindo, Alípio?) E eu pensei: “Bom, está acontecendo alguma coisa”.

O que dá agora para continuar este pensamento; ou seja, você não consegue entrar, como adolescente não consegue entrar na leitura da história, eu nunca entrei na leitura real da história, na verdade. Quer dizer, aquilo não faz parte do teu mundo, o teu mundo é, sei lá! outra coisa... é o seriado do Nacional Kid daquela época na televisão, quer dizer, tinha outras coisas... aquilo que estava acontecendo e aquele lugar não faziam parte do meu mundo. Por isso, lá dentro, levei certo tempo para elaborar e conseguir tentar me defender.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com quantos anos você estava?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – Quinze anos e meio, eu faço aniversário dia 1.º de junho, a minha prisão foi em 21 de janeiro de 1971, eu nasci em 1.º de junho de 1955.

No meio da tarde eu fui interrogada por um sujeito bastante grosseiro, moreno, grandão, que, conforme ele foi falando comigo, ia me agredindo. Eu fui respondendo. Foi perguntando dos amigos do meu pai. Foi uma coisa que me assustou bastante. Eu pensei assim: “é público e notório”, eu pensei comigo, tem que pensar muito rápido. E reconhecia ou não. Reconheci estes que frequentavam a minha casa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você entrou com a dona Eunice?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – Não mais vi a mamãe. Ou melhor, encontrei uma vez só dentro da cadeia. Estávamos as duas vendadas, encapuzadas. Entrei com ela na cadeia, mas não mais vi mamãe, vi uma vez, ela entrou nessa sala, eu sai do interrogatório, ela entrou no interrogatório, ela sentiu que era eu. Depois eu conto isto, como é que eu consegui identificar... Ela falou: “Filhinha, você está bem?” com uma maneira bastante doce da Eunice que você conheceu. Eu falei: “Tudo bem, mamãe, está tudo bem, não se preocupe, está tudo em ordem”. Foi a única relação que eu tive.

Nesse primeiro interrogatório ele (militar) foi extremamente violento, agressivo (não me tocou, eu estava em uma cadeira de um lado da escrivaninha e ele do outro lado — a agressividade sentida foi pelas atitudes e maneiras, para mim desconhecidas até então). Tinha na minha frente uma espécie de planilha, um gráfico enorme, parecia uma página dessas de cartolina (A4, A3), com gráficos, com nomes de pessoas.

A sensação era que eles estavam organizando o que estava acontecendo e que deveria corresponder a esse entendimento. O que pelo menos era saudável, quer dizer, menos maluco, em vez de partir para a porrada. Eles estavam organizando, e nisso eles começaram a perguntar: este senhor... Acho, de certa forma, engraçado, porque eu via agora o programa da *Globo News*, na hora que eu começo a falar que eu entrei em uma sala de interrogatório, eles colocam a imagem de uma sala de interrogatório linda, com uma mesa belíssima, com arquivos e etc. Não foi bem isso, a sala onde estávamos era uma sala desse tamanho [faz gesto com a mão como que mostrando que a sala era pequena e apertada], esta sala, na verdade, era embaixo de uma escada. Deveria ter uma escada em cima porque parte dela era assim. E tinha a mesa de madeira, e mais nada, e uma única porta, um lugar escuro.

Eu vi que o interrogador olhava para aquilo, para aquela planilha, algum papel nas mãos e me perguntava: “Tal pessoa é amigo do seu pai?”. Eu respondia: “Sim, é amigo do meu pai”. “Tal pessoa é amigo do seu pai?” Respondia: “É”. E como que tirando do nada ele olha para mim e declara: “Então, o seu pai era um grande comunista”.

Eu pensei e falei com muita calma: “Eu não sei se o meu pai conhecia alguma coisa de Marx, nem sei se ele era um grande comunista”. Eu me lembro dessa frase até hoje, não sei de onde eu tirei essa frase na hora: “Eu não sei se ele é um grande comunista, porque eu não sei se ele conhecia alguma coisa de Marx”.

Papai não era um leitor de obras políticas, papai era um militante socialista do dia a dia, acho que nem Marx tinha lido na vida. Papai era um homem que fazia política, já falei isso para você. Até que, certa hora, ele (o militar) falou: “Mas se seu pai não era comunista, você é comunista”. Eu me espantei com a frase e falei: “O quê?” Ele falou: “Você é comunista, está aqui a prova”. Então tira detrás dele um trabalho que eu escrevi para a professora Ilma, sobre a invasão da [antiga] Tchecoslováquia, sobre a Primavera de Praga... que logo depois (na verdade anos depois) teve uma série de livros escritos sobre isso. Um assunto muito interessante.

Na verdade a Primavera de Praga foi uma reação contra os comunistas stalinistas. Foi um trabalho de pesquisa que eu adorei fazer. Fiz junto com Ryff.

Quer dizer, o jornalista Raul Ryff me franqueou as portas do recente Departamento de Pesquisa do *Jornal do Brasil*, o qual ele dirigia. Neste arquivo eu encontrei coisas fantásticas, quer dizer, que você encontra em arquivos, fotografias lindas. Aí que eu fui entrando na história, como se fosse certa explicação daquilo que eu via ser debatido em casa. Quando fiz a pesquisa, de repente eu achei aquilo fantástico, como um povo tinha conseguido reagir e de uma maneira tranquila, vamos dizer, a um regime soviético que era terrível. Quer dizer, as discussões em casa não eram essas, mas eu começava a pegar extratos dessa discussão para tentar entender o que era e o que não era.

Quer dizer, voltando ao que estava sendo interrogado: o meu pai não era comunista, mas ele tinha grandes amigos comunistas, entre eles o próprio Raul Ryff. Por falar nisso, meu pai tinha sim amigos comunistas. “Um grande comunista”, não sei se vocês conhecem, ele não é da geração de vocês, é de uma geração bastante anterior e morreu ano passado, chama-se Fernando Santanna, que foi do Partido Comunista da Bahia, entre outros que eu conheci pessoalmente e de quem eu gostava muito; a Gilka Goulart de Santanna, mulher dele, também comunista, está viva. São militantes da antiga, que dizem sempre: “Eu sou comunista, serei sempre comunista”, como Niemeyer falava, existiram vários, até hoje.

Voltando ao interrogatório: na hora que ele colocou esse trabalho na minha frente, eu tomei um susto, dei um pulo da cadeira e falei: “E agora? Agora fui pega”. E ele com um sorriso, aquele jeito, que parecia que tinha comido um doce. Eu olhei para ele e falei assim: “Bom, esse trabalho é meu”. Na hora que eu fui para a cela, tentei lembrar onde é que ele tinha pegado isso. Eu tinha uma gaveta, nós tínhamos gavetas com trabalhos de escola. Eu e minha irmã dormíamos no mesmo quarto. Eles reviraram a casa toda, a gente não percebeu isso, eu não me lembrava disso, que eles tinham revirado a casa toda.

Bom, por sorte ou por azar, entra nessa sala de interrogatório outro militar — não se sabiam as patentes, não se sabiam nomes, mas eles andavam com placas de metal no peito, à paisana — vira-se para o monstro na minha frente e fala assim: “Ô Cirurgião, nós temos um trabalho para você”. Encerra-se o interrogatório, imediatamente ele levanta, eu vou ao corredor e nesse momento (nessas horas que eu dou esses depoimentos eu começo a chorar, mas acho que já passou) começam as torturas na sala ao lado.

Senhores e senhoras, pessoas que já passaram por isso, Alípio e Adriano, para uma criança de 15 anos de idade ouvir: “pelo amor de Deus, parem com isso!”, repetido em sequência, foi a coisa mais alucinante que eu já ouvi na minha vida.

Até outro dia parecia que a coisa estava enterrada na minha memória. No entanto, ela fluiu só agora. Por isso que eu falo que aos 15 anos você tem maneiras de escapar da loucura humana, aquilo ficou como um filme na minha cabeça. Quando revelei, deixou de ser filme, agora voltou um pouco a ser filme. Então você vê que eu não me emociono mais com isso, mas a primeira vez que eu contei isso, eu não parava de chorar, porque ouvir tortura vedada, inclusive eu estava vedada em um corredor, 20 de janeiro, verão no Rio de Janeiro, dentro do DOI-CODI, foi a coisa mais enlouquecedora do mundo, e eu comecei a chorar, não parava de chorar. Não, não foi nesse momento, não. Depois deste primeiro interrogatório eu fiquei meio estática, e pensava muito: “Agora eu sei onde eu estou. Será que isso não vai parar nunca?”

E não parava, e a coisa piorava, ou seja, o tal do Cirurgião tinha ido fazer uma torturazinha cotidiana. Nisso também tinha dois rapazes na minha frente que toda vez que alguém passava chutava os meninos, e chutava naquele lugar, e devia doer muito, porque eles davam berros tremendos.

Duas horas depois, eu fui novamente levada para interrogatório. Foi aí que eu cruzei mamãe. Não, eu cruzei saindo e ela entrando, cruzei na saída desse segundo interrogatório. Nesse segundo interrogatório, entra um pouco a cronologia dos fatos Rubens Paiva, porque eu sabia que papai estava morto, por exemplo, depois eu revelei isso agora, as pessoas não entendiam por que eu sabia, eu tinha quase certeza, que foi revelado pelas documentações que ele foi morto naquela época, porque nesse segundo interrogatório...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Onde era a Barão de Mesquita, onde vocês estavam, você se lembra?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – DOI-CODI, Rio de Janeiro, Barão de Mesquita. Eu nunca entrei nesse lugar, eu passo por ele porque eu tenho amigas que moram ali perto inclusive, e não tenho vontade de entrar.

Pela segunda vez que entrei nessa pequena sala de interrogatório, estava um segundo militar, um pouco mais velho, um pouco mais sábio... Só consigo descrever como criança, como garota: “um pouco mais velho, um pouco mais sábio”; qualquer outra pessoa mais velha descreveria de outra maneira.

O sujeito era um pouco mais velho e um pouco mais sábio, quer dizer, não era um monstro que era o anterior, gordo e horroroso, peludo. Este tinha a cabeça um pouco mais... o clima em torno dele era um pouco melhor.

Ele começou a conversar comigo de uma maneira um pouco mais saudável: “Primeiro, como você está?” Na hora em que ele perguntou “como é que você está?”, eu disparei a falar. Assim voltou de novo a configuração Rubens

Paiva e eu disse: “Eu não gosto de capuz, este capuz está me incomodando, eu tenho 15 anos de idade, se o senhor não me soltar em 24 horas, o senhor pode ser denunciado”... Eu juro por Deus que foi desta maneira que falei com o militar.

Ele foi ouvindo cada vez mais sério, eu continuei: “Estão me apalpando nesse corredor, estou ouvindo coisas horrorosas, eu estou achando absurdo, tem uns meninos que estão sendo maltratados ali dentro... Além disso, estou ouvindo berros, não estou entendendo o que está acontecendo, pegaram um trabalho meu”, disparei.

Eu não me lembro o que foi interrogado, nada foi interrogado nessa hora, quem disparou a falar fui eu. Ele virou para mim e falou assim: “Tudo bem, cuidarei disso, a gente vai ver”.

Acabou o interrogatório, ele imediatamente mandou tirar o capuz e me colocaram uma venda... Enfim, deu certo! Puseram uma venda quando saí da sala e com esta venda eu já conseguia ver por baixo, pela fresta. Foi aí que reconheci quando a mamãe entrou, eu vi que era ela, porque eles entram separando a gente, você não percebe quem está entrando, quem está saindo. Mas com a venda consegui ver que era ela. Aí que eu falei (senti que ela saiu de um certo estado de torpor), eu perguntei: “Mamãe, tudo bem?” “Sim, filhinha, como vai você?” ela respondeu.

Até hoje eu não consigo reproduzir a doçura que foi aquilo lá: “Minha filhinha, como vai, você está bem?” Fui então colocada de novo nesse corredor polonês. Na sala ao lado começou a tortura de novo, e pior do que antes. Foi aí que comecei a ter uma crise de choro compulsiva. Acho que isso uma hora depois, já estava quase a entardecer. Imagina quando a gente foi presa, entre meio-dia e uma hora! Naquele instante deveriam ser cinco da tarde, seis horas da noite. Nisso, depois do segundo interrogatório, uma segunda sessão de tortura, eu comecei a chorar de soluçar. Nisso eu vi as pessoas passando e sabia exatamente onde eu estava, porque eu via os sapatos dos militares, dos soldados, do pessoal à paisana, o sapato do pessoal sendo arrastado, tudo ali embaixo, e via quem me dava o coque, inclusive, conseguia ver as pernas de quem me dava o coque.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como está sua mãe hoje?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – A minha mãe está com Alzheimer, está muito bem de saúde, de vez em quando fala umas coisas que você não entende de onde ela tira.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos anos ela tem?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – 83 anos [Maria Lucrecia Eunice Facciolla Paiva nasceu em 7 de novembro de 1929], a idade do meu pai. E está com Alzheimer há sete, oito anos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos dias vocês ficaram lá?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – Eu fui solta em 24 horas e mamãe ficou 11 dias.

[continuando a contar] Alguém me puxou e já me puseram na cela. Isso tudo estou descrevendo pelo seguinte: está na cara um pouco do pessoal que faz a investigação, que deve entender melhor, como a relação e como alguma coisa já deveria ter acontecido com papai, dá para sentir, porque a coisa ficou, digamos, não *light*, mas o ataque parou. Fui colocada em uma cela aberta, tiraram a venda, aí eu lembrei onde foi que pegaram aquele trabalho. Voltando, durante a noite, foi colocada uma série de pessoas na frente dessa cela, geralmente gente amordaçada, gente encapuzada e presa.

A gente não via, não dava para ver, reconhecer. Eu só ouvia a respiração, que era uma respiração muito difícil por causa do capuz. Amanheceu o dia com a música do Roberto Carlos “Jesus Cristo” e apareceram os guardinhas, começaram a levar todo mundo que estava na frente da cela.

Durante a madrugada... eu sempre me esqueço desse interrogatório, porque estava morrendo de sono... durante a madrugada eu fui interrogada uma terceira vez, eu sempre me esqueço de relatar, eu não me lembro muito bem o que aconteceu, porque eu estava morrendo de sono, eu tinha 15 anos de idade, eu não me lembro.

Voltando à sensação de que a coisa estava tendo um desfecho, de que a coisa foi uma tentativa de acalmar: eles estavam recuando de maneira muito rápida, quer dizer, todo ataque que a gente tinha sofrido antes ou que teria sofrido, estava recuando, por isso papai já devia estar em agonia nesse momento.

Perguntei aos guardas, os dois eram quase meninos e ficaram assustados com a minha abordagem. No entanto, responderam: “Mas acho que seu pai foi levado lá para cima”, um falou para o outro, “acho que ele estava muito mal”. Eu falei: “Quero saber onde está minha mãe”.

Minha mãe estava duas celas depois de mim, parece que estendida no colchão sem se mexer, foi o jeito que os guardinhas me descreveram. Mamãe parece que ficou dois dias sem se mexer, porque a filha dela de 15 anos estava presa. Só a avisaram dois dias depois que eu tinha sido solta.

Quando eu saí da carceragem, me tiraram da cela com a minha vendinha, preciosa, nunca mais me encapuzaram. Levaram-me em uma sala, espécie de sala de saída, e me deram a bolsa da mamãe, com tudo dela dentro. E falaram: “Agora você sai”, disse um deles. Eu falei: “Não saio!” morrendo de vontade de sair. “Por quê?” “Porque isso aqui é a bolsa da minha mãe, se ela souber que eu estou saindo com a bolsa dela com tudo dela, inclusive cigarro...” (mamãe fumava, mamãe tinha 40 anos de idade). “Não vou sair”, “vai sair”, “não vou sair”, “sai porque sai”.

Saí porque aquilo lá era um inferno. Botaram-me a venda de novo. Eu me lembro de ter assinado qualquer coisa, me botaram em um fusca e me soltaram na praça Saens Peña, na Tijuca. Eu liguei para o Bocayuva Cunha, que, por sinal, tem um papel muito interessante nessa história. Foi a filha dele, Helena Bocayuva, quem “denunciou” papai, praticamente denunciou entre aspas, por uma ingenuidade tremenda, pois ela enviou do Chile um manifesto do MR-8 com endereço do papai. Foi aí que pegaram. Eu nem sabia que a filha do Bocayuva, que foi me buscar na praça Saens Peña... [o que me lembra que] o primeiro jornalista que escreveu sobre Rubens Paiva acabou de morrer, morreu recentemente [Fritz Utzeri], “Quem matou Rubens Paiva”, *Jornal do Brasil*, fugiu o nome dele, ele tem uma pegada, certa hora que ele muda, ele fala que “entrei no carro do Bocayuva e falei [que] falaram que meu pai fugiu”. Eu não falei isso, inclusive eu gostaria sempre de dizer que eu nunca falei isso, porque nunca me falaram isso, nunca me falaram nada, mas estava na cara que alguma coisa já tinha acontecido.

Fui para casa. Aí sim, quando entro no carro, explodi em prantos. Enlouquecida, fui deixada na minha casa. Os meus avós maternos já estavam em casa, os meus irmãos já estavam em casa. A partir daí eu nunca mais abri a boca [a não ser para os advogados dos meus pais, amigos e jornalistas que me rodearam e cuidaram de mim, enquanto minha mãe esteve presa].

Voltando à criança, eu nunca mais abri a boca, eu só abri a boca durante 11 dias, quando a minha mãe estava presa, em que eu botava maiô, eram férias de janeiro. Eu saía de casa, dizia para o meu avô que estava indo à praia, — porque meu avô não podia saber disso, pai da minha mãe, é um italiano, José Facciolla, completamente histérico com a prisão da sua filha (ele estava). Meus avós são italianos puros [existe toda esta dramaticidade cultural]. Nestes dias eu atravessava até a praia e caminhava até o final do Leblon, onde era a casa

do Bocayuva Cunha, que também se tornou um centro de encontro de todos os amigos do meu pai e todos eles me ajudaram, inclusive, a redigir uma carta.

[Cópia dessa carta foi ampliada como documento e pode ser vista na exposição Rubens Paiva, da qual Vladimir Sacchetta foi curador; há pouco tempo.]

Essa carta foi escrita para a imprensa internacional. A ideia deles, desse grupo de amigos de papai, era tentar falar, [divulgar a prisão de nós três] o mais rápido possível para poder soltar, não só meu pai, como minha mãe, estavam os dois presos. Nestes 11 dias de prisão da minha mãe, a gente chegou... eu fui com meus avós ao 2.º Exército, 1.º Exército no Rio, levar coisas. Eles não aceitaram, aceitaram uma ou outra coisa.

Recentemente saiu a lista de coisas que estariam com ele, você percebe, aí eu junto a história de que revistaram a casa inteira, tinha livros, de dez a 15 livros... esse documento “[encontrado na casa do coronel reformado do Exército Júlio Miguel] Molinas [Dias] do Rio Grande do Sul”... para você ver como revistaram a casa e levaram coisas, quer dizer, por isso que o meu trabalho foi junto.

Alguém tem alguma pergunta? Porque eu preciso encerrar, o deputado Adriano está precisando.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Doutora, a senhora quer falar?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – 1.º Exército no Rio de Janeiro e 2.º Exército em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nós vamos dar uma rodada e vamos voltando. Vamos ouvir os outros depoimentos.

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – Eu só queria falar uma coisa, só uma última coisa, que é para tentar levantar o que vocês estão fazendo aqui, que acho que é uma atitude, em termos de Brasil, fantástica, excelente. Parabéns! A Camila sugeriu, e o Paulo, qualquer coisa de museu... Quando eles começaram a falar, nunca me pareceu a ideia de museu tão importante... museu do holocausto. Eu tive um estresse muito grande muitos anos depois. E quando eu tive esse estresse, eu apaguei e o que me vinha eram lembranças do holocausto, que eu nunca vivi, que depois eu inclusive fui ver em filmes, quer dizer, é uma coisa de memória coletiva... eu tive uma coisa, na época eu trabalhava muito, foi depois do acidente do meu irmão [que deixou tetraplégico o escritor Marcelo Rubens Paiva] que a coisa ficou meio pesada em casa.

Eu tive um baita de um estresse, chegaram a me dar remédio, eu fiquei meio que delirando uns dois dias e passou. Mas o que vinha nesses delírios é exatamente memórias de judeus e holocaustos, que eu não deveria ter porque eu não sou judia. Então eu lembrei disso com você falando, quer dizer, é o que eu vi no DOI-CODI, eu vi um campo de concentração ali dentro. Então, eu sugiro que, destas belíssimas semanas que vocês estão organizando, que saia a ideia, deputado Adriano Diogo, eu te dou essa ideia de mão beijada, da construção de um museu da ditadura ou um museu da repressão ou um museu que conte histórias das pessoas, principalmente isso que está sendo organizado até hoje.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que dia foi o acidente do seu irmão?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – Foi no dia 14 de dezembro, foi dez anos depois da morte do meu pai, praticamente, 14 de dezembro de 1979.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você tinha quantos anos?

A SRA. MARIA ELIANA FACCIOLLA PAIVA – 24 anos. E ele tinha 20 anos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado.